

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Joana Carneiro direção musical

João Barradas acordeão

4 out 2024 · 21:00 Sala Suggia



casa da música

MECENAS

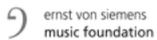


SOLVERDE
CASINOS & HOTELS

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



APOIO



1ª PARTE

Felix Mendelssohn

As Hébridas, abertura em Si menor, op. 26 (1832; c.10min)

Luís Tinoco

Concerto para acordeão (2023; c.20min)*

1. Largo, meditativo
2. Cadenza — Vivo, molto energico

2ª PARTE

Felix Mendelssohn

Sinfonia n.º 3 em Lá menor, op. 56, “Escocesa” (1842; c.40min)

1. Introdução e Allegro agitato —
2. Scherzo assai vivace —
3. Adagio cantabile —
4. Allegro guerriero e Finale maestoso

*Encomenda Centro Cultural de Belém e Casa da Música.

A partitura da obra é editada pela Artway Lda.

Felix Mendelssohn

HAMBURGO, 1809 – LEIPZIG, 1847

“Mendelssohn, considero-o o primeiro músico do nosso tempo; tiro o meu chapéu perante ele como meu superior. Ele consegue o que quer, em especial com os naipes da orquestra, mas com tal facilidade, delicadeza, arte e mestria.”

— Robert Schumann

Felix Mendelssohn, que nasceu em 1809 e morreu tragicamente novo em 1847, foi uma criança-prodígio, quer como pianista e organista virtuoso, quer como compositor. Instruído nas técnicas antigas de contraponto e baixo contínuo, dominava a linguagem de Mozart e Haydn, admirava Beethoven e Weber.

A sua precocidade como compositor e a inesgotável fluidez da sua inspiração dão azo a comparações com Mozart: “Ele é o Mozart do século XIX, o músico mais límpido, aquele que mais claramente revela as contradições do seu tempo e que, primeiro que todos, as reconcilia”, afirmou Schumann, um dos seus mais fervorosos admiradores. De facto, a qualidade do Octeto op. 20 para cordas, composto aos 16 anos, e a da abertura *Sonho de Uma Noite de Verão* op. 21, aos 17, são indício de uma genialidade invulgar, sendo decisivo para o seu desenvolvimento o ambiente familiar doméstico do jovem Felix, favorável à cultura, às artes e à intelectualidade.

Mendelssohn foi um trabalhador incansável, capaz de dominar com mestria o piano, o violino e a viola, um chefe de orquestra de grande competência, infatigável difusor da música antiga e contemporânea. Privava com Goethe, Hegel, Heine, os irmãos Humboldt e os maiores espíritos da sua época, tendo consolidado desde cedo uma grande cultura

filosófica e literária. A ele se deve o revivalismo de Johann Sebastian Bach, de quem deu a conhecer ao século XIX a *Paixão segundo São Mateus* e diversas outras cantatas e sonatas para órgão, num trabalho de recuperação musicológica inestimável.

As Hébridas, abertura em Si menor, op. 26 (“A Gruta de Fingal”)

A abertura *As Hébridas* foi escrita depois de uma viagem de Mendelssohn ao Norte da Escócia, em 1829, e toma o subtítulo “A Gruta de Fingal” na revisão de 1832, antes da sua primeira apresentação em Londres, sob a direção do compositor.

Neste período vivia-se na arte e na literatura da Europa continental um grande fascínio pelo norte da Europa e pela sua história, no quadro da estética romântica em que o apelo pela literatura medieval, pelo misticismo, pelo sobrenatural, pelo sonho, pelo neogótico, em suma, pela fuga da realidade, encontrou nas “novelas góticas” inspiração artística para a fixação de um estilo literário que se alargou à pintura, ao melodrama e à música, estilo esse a que se convencionou chamar de *gótico*.

“A Gruta de Fingal” foi concebida no espírito dos Poemas de Ossian, importante influência estética nos primórdios do universo romântico, e do *Sturm und Drang* alemão, que se estendeu à música do primeiro Romantismo. Ossian é o narrador e autor de um ciclo de poemas épicos publicados pelo poeta escocês James Macpherson (1736-1796) na década de 1760 — o primeiro dos quais *Fragments of Ancient Poetry collected in the Highlands of Scotland, and translated from the Gaelic or Erse Language* (1760) — que, segundo Macpherson, foram por ele recolhidos e traduzidos da língua gaélica e de outros dialetos antigos das Terras Altas da

Escócia. Entre eles incluiu-se o poema sobre o tema do herói Fingal, publicado em 1762, que inspirou Felix Mendelssohn a visitar as ilhas Hébridas e a compor esta abertura, e deu ainda origem a vários *lieder* de Schubert, à ópera *Ossian, ou Les bardes* (1804) de Jean-François Le Sueur, entre outras obras de menor vulto. Os poemas obtiveram grande sucesso internacional, gerando a admiração de Diderot, Voltaire, Goethe, Johann Gottfried Herder, Napoleão e Thomas Jefferson, e influenciando várias gerações de escritores na consolidação do estilo gótico na literatura.

Os elementos do universo fantástico, que posteriormente integrariam o género literatura gótica, já se encontravam na literatura medieval. Porém, somente com *The Castle of Otranto* (1764), de Horace Walpole, é que a literatura gótica se afirma como género e, a partir dela, o terror, o macabro e o sobrenatural passam a ser entendidos como elementos relevantes de ficção. Consequentemente, os castelos medievais em ruínas, penhascos escarpados dissimulados pela escuridão e pela neblina, as grutas e as tempestades noturnas associam-se simbolicamente à paisagem do norte e ao romance gótico, onde a magia, os fantasmas e os sonhos premonitórios perseguem personagens enredadas em conflitos, no limiar entre a vida e a morte.

A Escócia e o norte de Inglaterra tornam-se assim uma fonte de referência, não só através dos poemas ossianos, mas também pelas obras de Walter Scott e de Shakespeare.

“A Gruta de Fingal” é uma abertura e, nos termos em que esta forma musical é entendida no período romântico, é autónoma e independente. Sem propor nenhum programa descritivo definido, é, no entanto, uma representação metafórica da impressão que Mendelssohn reteve da sua visita à ilha de Staffa, onde se

encontra a Gruta de Fingal que a tradição associa ao poeta Ossian, no que Mendelssohn assume uma atitude absolutamente romântica: a representação imaginada de paisagens e de lembranças.

Marcada por Beethoven e por Weber — de acordo com a sua própria confissão —, a obra desenvolve-se entre dois temas: o primeiro, de perfil mais calmo, desolado e solitário; e o segundo, onde emerge uma força expressiva lembrando o movimento das ondas e a agitação do mar, oferecendo um constante jogo de sensações que ora nos leva para o interior da caverna, envolvendo-nos na solidão obscura, ora nos arremessa à turbulência das ondas do mar, criando assim o compositor uma paisagem musical intensa e arrebatadora.

Sinfonia n.º 3 em Lá menor, “Escocesa”

Em abril de 1829, Felix Mendelssohn, com 20 anos, deu início à sua *Grand Tour*, a viagem pela Europa que os jovens de famílias com recursos, no século XIX, não deixavam de fazer como aprendizagem pessoal e complemento de formação cultural. Mas ao contrário da maioria dos jovens, que procuravam a França e a Itália, Felix, após passar quatro meses em Londres, iniciaria a sua *Grand Tour* na Escócia, apaixonado pelos romances de Sir Walter Scott, pelo imaginário gótico de Ossian e pelo espírito da época que invocava o norte da Europa como *locus* de inspiração artística. Acompanhado pelo seu amigo Klingemann, conseguiu um encontro com Scott (algo frustrante tendo em conta as expectativas), e esteve na Gruta de Fingal e no castelo de Holyrood, deixando escrito: “Visitámos hoje o castelo onde a rainha Maria Stuart viveu e amou. A capela ao lado está sem teto e repleta de mato e erva. Foi neste altar, hoje em ruínas, que ela foi coroada

Rainha da Escócia. Acredito ter encontrado, hoje, o início de minha Sinfonia Escocesa”.

Durante o inverno de 1830/31, em Roma, Mendelssohn começou a compor a sua Sinfonia n.º 3. Mas logo teve de a deixar de lado, pois a sua atmosfera não condizia com o clima ensolarado da Itália: “Não consigo recuperar o cenário enevoado da Escócia”. Só retomaria a sua composição dez anos depois, terminando-a em Berlim, em janeiro de 1842. A primeira apresentação aconteceu em março, em Leipzig, sob a direção do compositor, que a dedicou à rainha Vitória.

Maria, rainha dos Escoceses, está presente ao longo da Sinfonia: a introdução lenta do primeiro andamento, com uma instrumentação inabitual de madeiras e violas, parece evocar a capela de Holyrood em ruínas, semicoberta de vegetação a emergir na névoa, como numa pintura de John Constable. O ambiente misterioso continua no “Allegro un poco agitato” com um longo tema principal em *pianissimo* nos violinos e no clarinete; só com o “Allegro” teremos a orquestra em pleno. Segue-se um tema *lamentativo* em Mi menor que mantém o clima sombrio, até à recapitulação tempestiva que reconduz ao tema da introdução.

O segundo andamento, “Vivace non troppo”, segue-se sem interrupção e é o mais “escocês” dos quatro andamentos da sinfonia. Um *scherzo* com influência de música local, sobre um motivo pentatónico a evocar a gaita-de-foles, protagonizado pelo clarinete, cheio de vivacidade.

O terceiro andamento é um belíssimo “Adagio”, que pode ser entendido como um lamento por Maria Stuart. O tema inicial dos violinos é repetido no final pelas trompas, com nobreza. Por entre a elegia e uma espécie de marcha fúnebre, a evocação da rainha dos Escoceses, da Escócia e do ambiente nostálgico tão

caro ao Romantismo ouve-se neste andamento, um dos mais belos momentos musicais de Mendelssohn.

O quarto andamento, “Allegro e Finale”, tem a marcação de *allegro guerriero* e, de facto, a partitura sugere em várias secções uma batalha. É o andamento mais complexo onde se confrontam motivos soltos com a impetuosidade rítmica de um cenário bélico. Vigoroso, triunfal, termina com uma coda longa, que conduz um tema brilhante e afirmativo, como que se elevando às Terras Altas da Escócia, em que as secções dos metais lideram sobre as cordas num hino vitorioso.

GABRIELA CANAVILHAS, 2020

Luís Tinoco

LISBOA, 1969

Concerto para acordeão e orquestra

Este concerto, escrito em resposta a uma encomenda conjunta do CCB/Fundação das Descobertas e da Fundação Casa da Música, está dividido em dois andamentos, cada um com aproximadamente dez minutos de duração. No primeiro, de carácter calmo e meditativo, são apresentadas cores variadas e registos característicos do instrumento solista, em diálogo com a orquestra numa sequência de eventos que exploram tanto momentos íntimos e camerísticos, como texturas orquestrais densas, de maior intensidade. Segue-se uma transição/breve cadência que abre o segundo andamento, introduzindo motivos e gestos que dão origem a uma música enérgica e pulsante. Esta desafia o solista a revelar o seu virtuosismo, expressividade e, também, resistência física.

Por vezes, um concerto nasce do desejo de se escrever para um instrumento em especial, e pela afinidade e familiaridade que um compositor possa ter com as suas sonoridades. Pode, também, nascer da admiração nutrida por intérpretes com os quais se deseja muito colaborar na criação de uma nova partitura. Este concerto resulta de ambos os cenários, procurando dar resposta à minha curiosidade pelas potencialidades muito particulares do acordeão e, simultaneamente, oferecendo-me a oportunidade de escrever para um músico que tanto admiro e que considero ter qualidades extraordinárias.

LUÍS TINOCO, 2023*

* O autor não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

Joana Carneiro direção musical

Joana Carneiro é muito requisitada em várias partes do mundo, especialmente pelo trabalho que desenvolve na música contemporânea, tanto em concerto, como no domínio operático. Voltou recentemente ao Coliseum de Londres com a Ópera Nacional de Londres para a reposição de *The Handmaid's Tale*, cuja estreia fez em 2022. Esta colaboração seguiu-se à muito aclamada primeira audição mundial de *The Gospel According to the Other Mary*, de John Adams, numa produção de Peter Sellars. Com a Ópera Escocesa, dirigiu *Nixon in China* no Teatro Real de Glasgow e no Teatro do Festival de Edimburgo. Nas últimas temporadas, subiu ao palco do Teatro Nacional de São Carlos em Lisboa para dirigir *The Rake's Progress*. Ainda na ópera, entre os últimos trabalhos estão *A Wonderful Town* (Ópera Real Dinamarquesa), *La Passion de Simone* (Ojai Festival), *Oedipus Rex* (Sydney, Prémio Helpmann para melhor concerto de orquestra sinfónica) e *A Flowering Tree* (Viena, Paris, Chicago, Cincinnati, Gotemburgo e Lisboa). Em 2023, estreou a produção do bailado *Pit* de Bobbi Jene Smith na Opera Garnier em Paris.

Entre os pontos altos da temporada sinfónica 2024/25 estão as colaborações com a Filarmónica de Nápoles, a Metropolitana de Montréal, a NAC de Otava, a Sinfónica da Nova Zelândia, a Orquestra de Macau, a Sinfónica de Bilbau e a Orquestra de Câmara Escocesa. A presente temporada fica marcada pelo regresso à English National Opera para a muito aclamada *Mary, Queen of Scots*, de Thea Musgrave.

Joana Carneiro foi maestrina convidada principal da Real Filharmonia de Galicia durante quatro anos. Foi também a maestrina principal da Orquestra Sinfónica Portuguesa, entre 2014 e janeiro de 2022. Desde 2013, é diretora

artística do Estágio Gulbenkian para Orquestra (Orquestra de Jovens).

Ao longo dos anos, desenvolveu uma forte ligação com orquestras proeminentes de toda a Europa, incluindo a Sinfónica da BBC, as orquestras BBC da Escócia e de Gales, a Philharmonia em Londres, a Orquestra Real Escocesa, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica Real de Estocolmo, a Sinfónica de Gotemburgo, as filarmónicas de Helsinquia e de Bruxelas, a Orquestra Sinfónica da Rádio de Viena, a Orquestra Nacional de Bordeaux-Aquitaine, a Musikkollegium Winterthur, a Sinfónica de Castela e Leão, e o Teatro La Venice. Em locais mais distantes, colaborou com a Filarmónica de Los Angeles, a Sinfónica de Detroit, a Filarmónica de Hong Kong, a Orquestra de Pequim e a Sinfónica do Estado de São Paulo.

Natural de Lisboa, começou os estudos musicais ao tocar viola de arco, antes de se formar em Direção de Orquestra na Academia Nacional Superior de Orquestra, onde estudou com Jean-Marc Burfin. Nos Estados Unidos, concluiu o mestrado em Direção de Orquestra pela Universidade de Northwestern enquanto aluna de Victor Yampolsky e Mallory Thompson, e prosseguiu estudos de doutoramento na Universidade de Michigan com Kenneth Kiesler.

Em 2002, foi finalista do prestigiado Concurso de Direção Maazel-Vilar no Carnegie Hall. Na temporada seguinte, trabalhou com Kurt Masur e Christoph von Dohnányi, e dirigiu a Filarmónica de Londres, estando entre os três maestros escolhidos para a Allianz Cultural Foundation International Conductors Academy de Londres.

Recebeu o Prémio Helen M. Thompson, da League of American Symphony Orchestras (2010) e o grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique (2004). Em 2024, foi designada membro do Conselho de Estado.

João Barradas acordeão

João Barradas destaca-se como um dos músicos mais criativos no panorama do acordeão europeu, movendo-se, simultaneamente, entre a tradição clássica e a música improvisada. É o responsável pelos primeiros recitais de acordeão em programações tão distintas como as da Konzerthaus de Viena, da Fundação Calouste Gulbenkian ou do Festival d'Aix-en-Provence.

Apresenta-se como solista com a Orquestra Filarmónica de Londres, a Orquestra da Tonhalle de Zurique, a Sinfónica de Hamburgo e a Orquestra de Câmara de Colónia, entre outras formações de renome, sob a direção de prestigiados maestros como Edward Gardner, Alondra de la Parra, Sylvain Cambreling e Christoph Poppen.

No mundo do jazz, tem aumentado a influência do seu instrumento colaborando com alguns dos mais importantes improvisadores contemporâneos, tais como Mark Turner, Peter Evans, Aka Moon, Greg Osby, Mike Stern, Rufus Reid, David Binney, Gil Goldstein, Perico Sambeat, Christian Lillinger, Tineke Postma, Ben Van Gelder e formações alargadas como a Brussels Jazz Orchestra.

Foi nomeado ECHO Rising Star pela European Concert Hall Organization em 2019. Recebeu o prestigiado Sir Jeffrey Tate Award, na Alemanha. Na presente temporada é o Artista em Residência da Casa da Música.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrychenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, *a Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 toca ao lado do Arditti Quartet no âmbito dos concertos Rãsonanz, apresentados pelo ciclo Musica Viva da Rádio da Baviera.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

Violino I

Álvaro Pereira
 Emília Vanguelova
 Roumiana Badeva
 Evandra Gonçalves
 Jorman Torres
 Vadim Feldblioum
 Tünde Hadadi
 Alan Guimarães
 Maria Kagan
 Vladimir Grinman
 José Despujols
 Maxence Mouriès*
 Pedro Carvalho*
 Mariana Cabral*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
 Nancy Frederick
 Catarina Martins
 Tatiana Afanasieva
 Lilit Davtyan
 Domingos Lopes
 Pedro Rocha
 Mariana Costa
 Paul Almond
 Karolina Andrzejczak
 Nikola Vasiljev
 Matilde Silva*

Viola

Pedro Meireles
 Hazel Veitch
 Biliana Chamlieva
 Emília Alves
 Rute Azevedo
 Jean-Loup Lecomte
 Anna Gonera
 Catarina Gonçalves*
 Carolina Palha*
 Maria Almeida*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
 Vicente Chuaqui
 João Cunha
 Hrant Yeranosyan
 Michal Kiska
 Aaron Choi
 Bruno Cardoso
 Beatriz Figueiredo*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
 Nadia Choi
 Joel Azevedo
 Margarida Rocha*
 Altino Carvalho
 Sławomir Marzec

Flauta

Ana Maria Ribeiro
 Angelina Rodrigues

Oboé

Tamás Bartók
 Pedro Teixeira*

Clarinete

Carlos Alves
 Pedro Silva*
 João Moreira

Fagote

Cândida Nunes
 Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
 Eddy Tauber
 José Bernardo Silva
 Hugo Carneiro
 Hugo Sousa

Trompete

Ivan Crespo
 Rui Brito

Trombone

Dawid Seidenberg
 Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
 Paulo Oliveira
 Nuno Simões

Harpa

Iliaria Vivan

Celesta

João Casimiro*

*instrumentistas convidados

Operação Técnica**Iluminação**

Virgínia Esteves

Palco

Amaro Machado
 André Silva
 José Vilela

Som

Ana Pinto

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

